

DA VIRILIDADE: SEXUALIDADE E IDENTIDADE EM TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO E MEMÓRIA DE MINHAS PUTAS TRISTES

ABOUT VIRILITY: SEXUALITY AND IDENTITY IN TROPIC OF CAPRICORN AND MEMORY OF MY MELANCHOLY WHORES

Flávia Andrea Rodrigues Benfatti⁵²

Ana Alice da Silva Pereira⁵³

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo discutir a identidade masculina heterossexual como construção histórica e social, fortemente aliada à noção de virilidade. Os apontamentos teóricos encontram ressonância em duas obras literárias: *Tropic of Capricorn*, publicada pelo norte-americano Henry Miller em 1939, e em *Memória de minhas putas tristes*, romance de 2004 do colombiano Gabriel García Márquez. Em ambos, é possível reconhecer uma ávida e constante necessidade de constatação da virilidade, motivada ora pelos próprios personagens, ora por aqueles que os cercam. Essa virilidade frágil está atrelada à questões como a angústia frente à falibilidade do falo e à uma sexualidade que se direciona às mulheres com o intuito de posse, em detrimento do intuito de troca afetiva. Conclui-se que apesar das transformações da cultura, que geram mudanças nas demandas em voga na identidade masculina, subsiste uma persuasiva exigência para que os sujeitos se adequem aos ideais viris.

PALAVRAS-CHAVE: masculinidade; gênero; literatura; identidade; virilidade.

ABSTRACT: This paper aims to discuss male heterosexual identity as a social and historical construction, strongly connected to the notion of virility. The theoretical findings are linked to two literary texts: *Tropic of Capricorn*, published by the north American Henry Miller in 1939, and *Memory of my melancholic whores*, released by Colombian Gabriel García Márquez in 2004. Regarding both novels, it is possible to recognize a relentless and constant need to confirm virility, motivated at times by characters themselves, at times by those around them. This frail virility is linked to issues such as the anxiety facing possible phallus failure and also to a sexuality that turn towards women with the intent of possession, other than the intent of affective exchanges. It can be concluded that in spite of cultural transformations, that generate

⁵² Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo. Mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* São José do Rio Preto. Professora adjunta da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: flaviarbenfatti@gmail.com

⁵³ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduada em Letras – inglês na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: ana_alicep@hotmail.com

changes in the requirements of male identity, it subsists a persuasive demand for the individuals to suit the manly standards.

KEYWORDS: masculinity; gender; literature; identity; virility.

A história da sexualidade humana tem nos mostrado que os conceitos de masculinidade e femininidade⁵⁴ são variáveis de acordo com as diferentes épocas nas quais eles são tratados. Ao longo dessa história, aos poucos rompe-se o paradigma que compreende as questões da sexualidade humana por um viés biológico, naturalista, como concretização de instintos inatos. Os estudos contemporâneos têm cada vez mais retratado que o componente cultural tem importância decisiva na formação dos sujeitos, excedendo a influência herdada organicamente. Seguindo essa perspectiva, críticos que discutem o tema da sexualidade postulam que as diferenças entre os sexos têm bases culturais e não biológicas como se acreditava no passado. As categorias de sexo, gênero e sexualidade são, dessa forma, construções sociais e, portanto, não fundamentadas em um determinismo biológico.

Assim posto, o objetivo deste artigo é apresentar e discutir os pressupostos teóricos que se detém sobre a construção da identidade masculina heterossexual e sua estreita vinculação à noção de virilidade e ao signo do falo – em seu sentido real e simbólico. Ao tratar-se de uma construção, esse modelo identitário surge em resposta às condições sociais e culturais que propiciam seu surgimento, e do mesmo modo afetam esse sistema do qual derivam. Por vezes, a discussão teórica será feita a partir de diálogo com trechos literários, extraídos dos romances *Trópico de Capricórnio* (1975)⁵⁵ do escritor

⁵⁴ Termo utilizado por Corbin et al no livro *História da Virilidade*, ao invés de femilidade, mais comumente usado. Optamos por esse termo menos comum por acreditar na sua abrangência quando se trata não apenas de atributos, comportamentos e papéis das mulheres, mas também dos homens afeminados.

⁵⁵ Romance autobiográfico primeiramente publicado pela Obelisk Press em 1939, nos EUA, com o título original de *Tropic of Capricorn*. Aversão que utilizamos aqui, em inglês, no rodapé, data de 1961, publicado pela Grove Press.

norte-americano Henry Miller, narrativa situada no contexto do entre-guerras nos Estados Unidos, e *Memória de Minhas Putas Tristes* (2008)⁵⁶, último romance publicado pelo colombiano Gabriel García Márquez.

Desde os primórdios, sabemos que se atribui privilégio ao homem devido à sua força física. A ele caberia o mérito de providenciar alimento para a família enquanto o demérito à fragilidade física da mulher, relegando a ela as tarefas domésticas. Millet (2000) aponta que na condição primitiva o que mais possivelmente impressionava a humanidade era, supostamente, o milagre do nascimento atribuído ao poder feminino. No entanto, com o desenvolvimento da civilização e a descoberta da paternidade, isso pode ter se revertido em prol do masculino. Segundo a feminista:

Há alguma evidência de que os cultos de fertilidade na sociedade antiga, em algum momento, deram uma guinada na direção do patriarcalismo, deslocando e rebaixando a função feminina para a procriação e atribuindo poder de vida apenas ao falo (MILLET, 2000, p. 28, tradução nossa).⁵⁷

Ainda, segundo a autora, essa hipótese seria consolidada pelo patriarcalismo por meio da criação de um Deus ou deuses masculinos postulando a supremacia do macho e validando a estrutura patriarcalista. A mitologia também fornece dados que compactuam com essa visão masculinizante. Tanto no mito de Adão e Eva quanto no de Pandora, por exemplo, a versão de que é a mulher que comete um erro irreparável – Eva, ao comer o fruto proibido nos condenou, e Pandora, ao abrir a caixa que continha todos os males da humanidade – e então os homens foram afligidos por eles – mostram que ao homem é dado o privilégio de se abster das culpas enquanto à

⁵⁶ Romance escrito em 2004 e publicado nesse mesmo ano nos países de língua espanhola, sob o título original de *Memoria de Mis Putas Tristes*. É publicado na Colômbia pela Editora Mondadori. No Brasil, é traduzido por Eric Nepomuceno e publicado pela Editora Record em 2005. A edição em português utilizada neste artigo é de 2008.

⁵⁷Cf.o original: There's some evidence that fertility cults in ancient society at some point took a turn toward patriarchy, displacing and downgrading female function in procreation and attributing the power of life to the phallus alone.

mulher cabe punição (BENFATTI, 2013).

Marcuse (1999), interpretando o pensamento de Freud, pontua que “o primeiro grupo humano foi estabelecido e mantido pelo domínio de um indivíduo sobre os outros” (p.70) e esse indivíduo era o pai que já no início do processo civilizatório “estabelece a dominação em seu próprio interesse, mas ao fazê-lo, está justificado pela sua idade, sua função biológica e, sobretudo, pelo êxito: ele criou aquela “ordem” sem a qual o grupo imediatamente se dissolveria” e eis aí o “despotismo patriarcal da horda primordial” (MARCUSE, 1999, p.71). Na tentativa de esboçar um entendimento sobre a origem do tabu do incesto, Freud (2012) levanta a hipótese de uma horda primordial, em que o macho mais velho detinha o controle sobre os outros membros do grupo e também a exclusividade das relações sexuais com as fêmeas. Há, nesse primeiro modelo, a instauração de um poder masculino irrevogável, responsável por exercer o controle e manter a coesão de todo o grupo.

Portanto, a “religião patriarcal” sustentou, ao longo dos séculos, essa dominação masculina. Presume-se que a Idade Média tenha sido o marco das tomadas de posições masculinizantes que os séculos vindouros iriam ajudar a perpetuar. Sob a pressão da igreja e dos poderes públicos, as diferenças entre o masculino e o feminino se tornam cada vez mais nítidas, especialmente com a “valorização do casamento a partir dos meados do século XVI na França ou as mudanças significativas por volta de 1590 na Inglaterra” (MUCHEMBLED, 2007, p.75).

Importante ressaltar que até o início do século XX, França e Inglaterra eram consideradas nações que ditavam padrões e modelos de vida para o mundo. Ao homem, mesmo depois de casado, é “concedido” privilégios. Ele pode continuar exercendo a sua virilidade com amantes, prostitutas e é, com isso, aclamado por seus pares. A esposa deve ficar reclusa no lar e cuidar dos filhos. Esse é o seu papel e, se ousar infringir as leis masculinas, é vista como pervertida, não mais digna de respeito perante a sociedade. Como afirma

Bourdieu (2010), “o próprio ato sexual é pensado em função do princípio da masculinidade” (p.27).

Nesse sentido, uma hegemonia masculina estabelece uma relação de “privilégio potencial” de um “consenso vivido” (ALMEIDA, 1996) e é dentro de um discurso de poder que ela se perpetua corroborando para elevar o homem heterossexual à categoria de dominância sobre “o sexo frágil”, ou às “sexualidades periféricas” (LGBTTTT). Há uma clara oposição em cena, em que se por um lado o exercício da sexualidade e virilidade masculinas é não somente legitimado, mas de fato incentivado, à sexualidade feminina não é concedido o mesmo destino.

As mulheres, ao longo da história ocidental, por maiores que sejam suas conquistas e lutas frente ao patriarcalismo, ainda se encontram em condição desprivilegiada com relação ao homem, tanto na vida profissional quanto na vida íntima. No período entre guerras, nos Estados Unidos, tanto as mulheres quanto os homossexuais estão reivindicando, de forma mais ousada do que em períodos anteriores, seus espaços na vida pública e privada, e pouco a pouco vão se libertando das amarras da hegemonia masculina. Todavia, há ainda um longo caminho a percorrer, como sabemos. Em *Trópico de Capricórnio* (1975), o narrador, temendo essa mulher moderna que reivindica igualdade sexual por desejar como os homens, usa palavras chulas e depreciativas na tentativa de mostrar sua superioridade sobre ela, mas no fundo, sabe e reconhece o poder que elas exercem sobre os homens bem como para conquistar seus direitos e espaços. Vejamos os excertos a seguir:

Finalmente ela ficou em pé ao lado do sofá. **Também não disse uma palavra.** Só ficou ali em pé quieta e, quando fiz minha mão subir entre suas pernas, **mexeu ligeiramente o pé para abrir um pouco mais seu rego.** Acho que em toda minha vida nunca pus a mão em um rego tão suculento [...] Depois de alguns momentos, **tão naturalmente quanto uma vaca que abaixa a cabeça para pastar, ela se curvou e enfiou o negócio na boca** [...] sua boca estava estufada e o suco escorria por suas pernas. Nem uma palavra saiu de nós, como já disse. Apenas um par de maníacos quietos trabalhando

no escuro como coveiros. Foi uma foda paradisíaca e eu sabia disso” (MILLER, 1975, p. 166, 167, grifos nossos)⁵⁸.

Em um vagão lotado do metrô, voltando da praia para a casa, digamos, **ela virava o vestido de modo que a abertura ficasse na frente, pegava minha mão e punha-a bem sobre sua boceta**” (MILLER, 1975, p.237, grifos nossos)⁵⁹.

Quis a sorte que a mãe da moça que eu estava ensinando fosse uma **cadela**, uma **vagabunda**, uma **puta da pior espécie**. Vivia com um negro, como descobri mais tarde. **Parecia não ser capaz de encontrar membro suficientemente grande para satisfazê-la**. Seja como for, toda vez eu ia sair, **ela me segurava na porta e se esfregava em mim** [...] (MILLER, 1975, p. 232, grifos nossos)⁶⁰

Percebe-se que as mulheres, nos trechos supracitados, não estão tímidas ou revelando pudores diante do parceiro. Embora se tratam de apresentações sob a perspectiva do narrador, infere-se que as personagens femininas não agem contra sua vontade. No primeiro trecho, vemos que, a partir do uso do pronome “ela” nas descrições “**ela**” mexe o pé e “**ela**” se curva para a felação, o narrador delega à mulher, atitude. No segundo, também “**ela virava o vestido**” e “**ela pegava minha mão**” e, no terceiro, idem, “**ela me segurava na porta e se esfregava em mim**”. Enfim, as descrições “grosseiras” podem significar uma certa “raiva” por parte do narrador por estar diante de parceiras que, tanto

⁵⁸Finally she was standing beside the couch. **She didn't say a word either**. She just stood there quietly and as I slid my hand up her legs **she moved one foot a little to open her crotch a bit more**. I don't think I ever put my hand in such a juicy crotch in all my life. [...] After a few moments, **just as naturally as a cow lowering its head to graze, she bent over and put it in her mouth** [...] Her mouth was stuffed full and the juice pouring down her legs. Not a word out of us, as I say. Just a couple of quiet maniacs working away in the dark like gravediggers. It was a fucking Paradise and I knew it [...] (MILLER, 1961, p. 182, grifos nossos).

⁵⁹In the crowded subway, coming home from the beach, say, **she'd slip her dress around so that the slit was in the middle and take my hand and put it right on her cunt** (MILLER, 1961, p.261, grifos nossos).

⁶⁰[...] as luck would have it, the mother of the girl I'm teaching is a **slut**, a **tramp** and a **trollop if ever there was one**. She was living with a nigger, as I later found out. **Seems she couldn't get a prick big enough to satisfy her**. Anyway, every time I started to go home **she'd hold me up at the door and rub it up against me** (MILLER, 1961, p. 255, 256, grifos nossos).

quanto ele, querem usufruir de prazeres carnais, o que seria inconcebível tempos atrás. Esse desconforto do narrador, que perpassa toda a narrativa, demonstra um certo temor mas, ao mesmo tempo, admiração por essa mulher moderna que surge no cenário do entre guerras exigindo direitos e reconhecimento e esse fato pode justificar sua agressividade já que não sabe muito bem como lidar com toda essa transformação. Portanto, o discurso masculinista de afirmação da virilidade, demonstra, por parte do narrador, as suas confusões quanto aos novos posicionamentos das mulheres no que tange às conquistas femininas, especialmente no campo da sexualidade. Nesse sentido, o discurso patriarcal se faz presente, direta ou sutilmente ao mesmo tempo em que atitudes masculinas menos empoderadas também são apresentadas no construto ficcional a fim de mostrar um sujeito em transformação. Ao longo da narrativa tem-se várias descrições de conflitos, contraditoriedades, reflexões e questionamentos do narrador mediante as transformações pela qual o mundo está vivenciando naquele período, especialmente no âmbito das conquistas sexuais femininas e homossexuais.

Mesmo diante de toda e qualquer conquista feminina em todos os âmbitos da sua existência, o privilégio social da masculinidade hetero se faz presente e está sempre sendo reforçado, não importa a época e o contexto. As transformações sociais e identitárias, em decorrência das conquistas dos grupos minoritários, não são capazes de usurpar o lugar de privilégio social ocupado pela masculinidade hetero, mas acabam por questionar tal posição, instaurando novas demandas ao sujeito e a necessidade de reavaliar sua função na nova conjuntura que aos poucos se forma. A compreensão desse cenário requer retomar alguns elementos dessa construção, como se dá na sequência.

O falocentrismo, então, fruto das sociedades patriarcais, ultrapassa o meramente corporal e penetra no imaginário coletivo dos homens ocidentais como estilo de vida, como produto do ser e como parte fundamental da psique que rege os comportamentos e a vida diária. O pênis tem história. A sua

valorização data da Antiguidade greco-romana. Laplanche e Pontalis (1988, p.167) atestam que havia uma representação “figurada, pintada, esculpida” do órgão sexual masculino – objeto de veneração que desempenhava papel importante nas cerimônias religiosas de iniciação. O falo em ereção simbolizava o poder soberano do homem branco ativo e sua virilidade, uma força.

Sabe-se ainda que, na Roma antiga, existia um objeto denominado de *tintinnabulum*, que era uma campainha de sinos que produziam som com o vento. Ela possuía a forma de uma figura fálica que servia para afastar os maus espíritos e trazer sorte e prosperidade. Além disso, tem-se a figura do deus grego Príapo – deus do sexo e da fertilidade. Com isso, pode-se ter uma ideia da importância do falo para as sociedades patriarcais que se sucederam ao longo da história ocidental. Até nos dias atuais, essa imagem de virilidade e poder é garantia da perpetuação da masculinidade.

Person (2006) confirma esse poder do órgão genital masculino incorporado na psique masculina:

O pênis frequentemente serve como uma metáfora do poder no mundo masculino. A própria experiência dos homens como mais poderosos do que as mulheres (possuidores de status maior e de maior conhecimento) incorpora-se na sua psique desde muito cedo (PERSON, 2006, p.1171, tradução nossa)⁶¹.

A narrativa de Márquez traz algumas imagens nesse sentido. Nela, seguimos o relato de vida de um narrador protagonista, não nomeado, que às vésperas de completar noventa anos decide se presentear com “uma noite de amor louco com uma adolescente virgem” (MÁRQUEZ, 2008, p. 8). Recorre então ao bordel de Rosa Cabarcas, conhecida de longa data e eventual par em alguns de seus encontros sexuais na época de sua juventude. O reencontro com

⁶¹Cf. o original: the penis so often serves as a metaphor for power in the male world. Males' experience of themselves as more powerful than females (possessors of higher status, purveyors of greater knowledge) gets incorporated into their psyches early in life (PERSON, 2006, p.1171).

a cafetina promove o seguinte diálogo:

O tempo não passa em você, suspirou com tristeza. Eu quis agradá-la: Em você, passa, mas para melhor. De verdade, disse ela, até ressuscitou um pouco em você a cara de cavalo morto. Vai ver é porque mudei de pasto, respondi com picardia. Ela se animou. **Pelo que lembro, você tinha um mastro de caravela. Como é que ele tem se portado?** Escapei pela tangente: A única coisa diferente desde que nos vimos pela última vez é que às vezes meu rabo arde (MÁRQUEZ, 2008, p. 28-29, grifos nossos)⁶².

Nota-se, em concordância com as considerações teóricas, o lugar de importância simbólica destinado ao falo. O personagem, de idade avançada, é inquirido acerca da permanência de suas capacidades fálicas como mostra da manutenção de seu poder, prova da legitimidade de seu papel como homem. Diante das diversas modificações físicas e psicológicas que recaem sobre o sujeito à medida que envelhece, a potência inalterada do falo pode se comportar como elemento que permite a coesão da identidade: é ainda portador de um falo rígido e imponente, logo, está à altura de seu papel como homem. A metáfora do pênis é aqui “um mastro de caravela”, exemplo de que a imagem do falo é comumente associada a atividades viris, demonstrativas de força e soberania. Em outros momentos, a narrativa se utiliza da imagem das armas e da força animal para se referir ao pênis como “pica de burro”, por exemplo.

Desde tenra idade, meninos são motivados a agirem como “homens” em oposição a “coisas de meninas”. A diferenciação entre os sexos começa a tomar forma a partir de uma cultura masculina imposta já dentro do seio familiar. A mãe grávida de um menino quer que o seu quarto seja decorado de azul, porque o azul é socialmente considerado a cor masculina. Ao longo da infância, o menino recebe, o tempo todo, *inputs* que procuram reafirmar a sua condição de

⁶²Cf. o original: No te pasa el tiempo, suspiro con tristeza. Yo quise halagarla: A ti sí, pero para bien. En serio, dijo ella, hasta te ha resucitado un poco la cara de caballo muerto. Será porque cambié de comedero, le dije por picardía. Ella se animó. **Hasta donde me acuerdo tenías una tranca de galeote, me dijo. ¿Cómo se porta?** Me escapé por la tangente: Lo único distinto desde que no nos vemos es que a veces me arde el culo (MÁRQUEZ, 2002, s/n, grifos nossos).

macho. A mãe, a família, os vizinhos dizem que “[...] um homem não pede beijos [...] um homem não se olha no espelho [...] um homem não chora” (BEAUVOIR, 1980, p.12) e assim por diante. Encorajam-no o tempo todo a ter orgulho de sua virilidade, que é socialmente valorizada. Beauvoir (1980) completa a despeito dessa diferenciação entre o menino e a menina:

[...] insuflam-lhe o orgulho da virilidade; essa noção abstrata reveste para ele um aspecto concreto: encarna-se no pênis; não é espontaneamente que sente orgulho de seu pequeno sexo indolente; sente-o através da atitude dos que o cercam. Mães e amas perpetuam a tradição que assimila o falo à ideia de macho (BEAUVOIR, 1980, p.13).

Bourdieu (2010), compactuando com essa mesma perspectiva de Beauvoir, também pontua que existe uma tentativa social de eliminar no homem tudo o que possa restar nele de feminino: “E o trabalho de virilização (ou desfeminização) prossegue por ocasião desta introdução no mundo dos homens, do ponto de honra (nif) e das lutas simbólicas [...]” (BOURDIEU, 2010, p.37). Também Badinter (1992), ao analisar a construção da identidade masculina, adota um olhar antropológico e percorre os rituais de diversas tribos de iniciação dos meninos à idade adulta, e reconhece como uma constante o afastamento do feminino. Para garantir a entrada adequada no mundo dos homens, os sujeitos da iniciação devem ser mantidos fora do seio da família e de sua comunidade, algumas vezes por vários anos. Percebe-se que, de certa forma, é preciso eliminar o que possa haver de feminino nesses garotos, pois só assim eles serão merecedores da alcunha de homem, e todo o poder simbólico e status atrelado a essa posição (PEREIRA, 2017).

A virilidade, termo originário do latim *virilitas*, que, segundo Vigarello (2013, p.72) “designa tanto a idade do homem quanto simplesmente os órgãos masculinos”, constrói um modelo de homem pautado na força física, na dominação e na coragem como também na disciplina, características adquiridas em campos de batalha na Grécia antiga (SARTRE, 2013). Segundo Foucault

(1999), essa mesma disciplina conduz o soldado, no século XVIII, a seguir os padrões de bom comportamento e obediência, a partir de um treinamento corporal que envolve altivez, olhar arrojado, passo firme, dentre outras posturas rígidas instituídas para o corpo. Dessa forma, tem-se o corpo como um objeto docilizado por instituições de poder, mesmo assim, esse corpo masculino não deixa de pressupor um ideal viril de força e infalibilidade. Portanto, a associação entre coragem e obediência, parte da educação do homem viril na antiguidade Greco-Romana, tem se propagado ao longo dos séculos vindouros.

Já na era moderna, a partir do século XVI, alterações nos comportamentos do homem geram algumas inquietações. Vigarello (2013), afirma que não bastam as qualidades físicas e virtudes morais (tais como ponderação, prudência, dentre outras) atribuídas a ele. É preciso garantir que ele não falhe. A imagem do homem em idade viril é a imagem do homem perfeito, do homem jovem. No entanto, a virilidade passa por transformações já que há rupturas inevitáveis, segundo Vigarello (2013), nessa engenhosidade masculina. Ele se torna, por questões de civilidade, delicado, razoável, polido e dessa forma, surge uma ameaça ao viril, devido às complexificações das relações sociais na era moderna. Assim, infere-se que a infalibilidade delegada ao homem já não condiz mais com o contexto moderno, embora haja uma luta em favor da manutenção de sua potência masculina.

Para Kritzman (2013), a “Renascença codificou o comportamento viril e as relações entre os sexos [...] o homem não pode dar-se ao luxo de ser seduzido por uma mulher. Aquele que aceita as iniciativas de uma mulher, corre o risco de perder sua virilidade” (p.218). No entanto, aconselha-se que ele se case com uma mulher “um pouco prostituta”, pois uma mulher

moderadamente pecadora, garante a virilidade do homem, ao passo que a mulher casta, que jamais foi deflorada, mas que em **seguida deixou-se seduzir**, expõe o marido a uma situação de desafio extremo: a masculinidade está radicalmente em perigo (KRITZMAN, 2013, p.218, grifos nossos)

Percebe-se que há contradições no que significa garantir a perpetuação da virilidade do homem. Faz-se de tudo para que ele esteja em situação de privilégio com relação aos homens que abdicaram de sua masculinidade, os efeminados, e com relação às mulheres. A necessidade de ampliar o leque de comportamentos para atender às novas demandas de civilidade e polidez, como apontado, traz o conflito de que tal adaptação deva ser feita com cautela, de modo a não ameaçar o descumprimento do modelo de virilidade.

Kristzman (2013) ainda pontua que “o homem tenta viver sua sexualidade em relação a seu órgão viril”, mas que o pênis, representante dessa sexualidade viril, pode também estar suscetível ao não comparecimento, no caso de impotência, por exemplo. Segundo a autora, “O pênis que trai põe em dúvida a virilidade do homem: ele suprime toda a significação simbólica do *phallus*” (p. 219).

Em *Memória de minhas putas tristes* (2008), o envelhecimento traz à tona a angústia diante da incapacidade fálica, mesmo antes que tal situação se concretize, visto que é a ameaça da falha que põe em evidência a fragilidade constitutiva do ideal de virilidade. Não se pode ser um homem viril “de uma vez por todas”, de modo que essa posição deve ser constantemente reafirmada. Assim, a demonstração de potência fálica, evento privilegiado de constatação viril, traz em si o perene perigo da falha, capaz de deslegitimar o homem, como aponta o seguinte trecho:

Insisti que não, que tinha de ser donzela e para aquela noite. Ela perguntou alarmada: Mas o que é que você está querendo provar a si mesmo? Nada, respondi, machucado onde mais doía, sei muito bem o que posso e o que não posso. [...] Eu repliquei a sério que numa questão dessas, e na minha idade, cada hora é um ano (MÁRQUEZ, 2008, p8)⁶³.

⁶³Le insistí que no, que debía ser doncella y para esa misma noche. Ella preguntó alarmada: ¿Qué es lo que quieres probarte? Nada, Le contesté, lastimado donde más me dolía, sé muy bien lo

O olhar atento sobre os discursos permite entrever que o que está em jogo vai muito além da ruptura do exercício da sexualidade fálica: é sua própria condição de homem que é questionada quando o personagem toma consciência de sua falibilidade. É o caráter de ideal inalcançável dessa expressão de subjetividade que instaura a vulnerabilidade que a acompanha; qualquer deslize pode comprometer a identidade que vinha sendo forjada. A virilidade, ancoradouro da identidade masculina, pode a qualquer momento ser posta à prova e, diante da falha, lançar o sujeito ao esmorecimento de si e ao desamparo (PEREIRA, 2017).

Na narrativa de Márquez, o personagem não chega de fato a se deparar com a experiência da impotência fálica. Em sua primeira noite com a menina, assustada com a perspectiva da perda da virgindade, ela toma um calmante oferecido por Rosa Cabarcas e adormece. A princípio, após reconhecer o desejo que se manifesta em seu corpo, ele tenta acordá-la, em vão, e desiste por fim. Acaba frustrado pelo não cumprimento de suas expectativas e concluindo que realmente “não dá mais para essas coisas”. O personagem falha no seu propósito, de qualquer maneira.

Simbolicamente, a afirmação da virilidade é testemunha de uma potência, símbolo da capacidade do homem de se portar como tal na sociedade de que faz parte. É nesse contexto que a virilidade, como atesta Bourdieu (2010), se configura como parte de um sistema de economia simbólica. De acordo com o autor

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as

que puedo y lo que no puedo. [...] Yo Le replique en serio que em um negocio como aquél, a mi edad, cada hora es un año (MÁRQUEZ, 2004, s/n).

coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo (BOURDIEU, 2010, p. 24).

Uma vez que se trata de um sistema econômico, valorativo, e por isso hierárquico, esse falo não pode ser representativo do vigor e da potência em seu estado flácido; é a ereção sua condição de apresentação, voltada para cima, demarcando seu lugar elevado numa escala socialmente determinada. Há também nesse sentido o vínculo, reafirmado na psicanálise, entre o falo e o *logos*. Rancière (1996), tratando da Grécia antiga, destaca que o *logos*, vocábulo grego que refere-se primeiramente à palavra escrita ou falada, vai tendo seu sentido aproximado da ideia de razão. Assim, é possível compreender o termo, nas condições de seu uso na sociedade grega, como a palavra dotada de sentido. Remete à capacidade do homem de fazer-se ouvido, pontuar seus argumentos publicamente nas praças. Imprescindível demarcar que esse espaço público não é tão público assim: só pode fazer uso dele do modo descrito quem tem acesso ao *logos*, a saber: os indivíduos do sexo masculino, de condição social alta e que não fossem escravos ou imigrantes (PEREIRA, 2017).

Portanto, a condição do falo que dá acesso ao *logos* reflete um acesso ao discurso e tem assim seus efeitos: o uso dos espaços públicos e ativos é monopólio masculino, bem como a postura do corpo ativa, que se põe frente a frente, olhos nos olhos, e se posiciona para cima, tronco ereto. Essa inscrição corporal de uma hierarquia simbólica também pode ser percebida na apresentação que Foucault (1999) faz da disciplina direcionada aos corpos dos soldados, em que ela, de modo semelhante, demarca um lugar ativo, de autoridade e importância. Há uma inscrição corporal que registra o modelo de subjetividade a que deve aderir cada sujeito; eis que o homem heterossexual, ciente de seu lugar social e suas atribuições, deve a todo tempo postar-se erguido e ativo, estabelecendo sua dominância. O mesmo se exige de seu falo, que deve apresentar-se rígido e ereto diante de qualquer exigência de demonstração de sua potência.

No trecho a seguir, o narrador autobiográfico de *Trópico de Capricórnio* (1975) se vangloria ao garantir, narcisicamente, que sua parceira tenha sido “fodida” com qualidade. Ele, ainda, reafirma a amplitude de seu pênis, como se precisasse assegurar sua “potência” viril na transa por meio do tamanho de seu órgão sexual:

[...] Se ela havia sido fodida antes, nunca tinha sido fodida direito, isso posso garantir [...] Pensei tanto e tão depressa entre os orgasmos que meu membro deve ter crescido mais uma ou duas polegadas [...] (MILLER, 1975, p. 194, 195)⁶⁴

Percebe-se, portanto, a reafirmação do narrador com relação à sua inscrição corporal refletida na amplitude de seu órgão sexual e o quão boa precisa ser sua performance sexual como demonstração de sua potência viril.

É essencial para essa discussão sobre o falo e masculinidade hetero, pontuarmos o conceito de performatividade de gênero apresentado por Butler (2000). O conceito se refere à capacidade de um indivíduo de agir conforme a expectativa social de acordo com seu gênero: se é mulher, deve se apresentar e se portar como é esperado que uma mulher o faça; se é homem, deve obedecer ao mesmo critério. Butler (2000) descarta a caracterização da performatividade como ato singular e deliberado e, ao invés disso, a insere numa prática reiterativa e discursiva. O sujeito como um todo é uma superfície a ser lida, e é a partir de sua relação com a performatividade de gênero que faz com que esse sujeito se insira na norma ou se afaste dela.

Voltando o olhar ao sujeito, é possível verificar um processo dialético de identificação e desidentificação também a partir das atribuições do gênero, de forma geral. Butler (2000) alerta que não há uma conformidade completa possível, há sempre um desvio quanto ao que é estipulado e que organiza as

⁶⁴ Cf. o original: If she had been fucked before she had never been fucked properly, that's a cinch [...] I thought so hard and fast between orgasms that my cock must have grown another inch or two [...] (MILLER, 1961, p. 213).

intervenções realizadas por parte do próprio sujeito ou de seu entorno para aproximá-lo do ideal. A corporalidade normativa deve ser constantemente construída, e a performatividade, constantemente vigiada, justificadas pela incapacidade de corresponder completamente ao modelo vigente. É nessa perspectiva que a subjetivação pelo gênero se dá pela identificação com o que é exigido, em que o sujeito se insere nas séries de práticas ofertadas, e também pela desidentificação, em que o sujeito se recusa e nesse movimento se coloca à margem.

Sob essa perspectiva, a possível perda da potência sexual não denota então um lamento pela limitação das experiências sexuais, mas diz de algo mais profundo: a ameaça de perda de identidade masculina. Incapaz de proceder de acordo com as condutas estabelecidas como normas para um homem macho, viril, o sujeito pode ainda se considerar um “homem de verdade”? Se o macho da espécie é aquele de quem é cobrado oferecer uma disponibilidade sexual constante, como continuar se adequando ao papel estabelecido quando não é mais possível arcar com essa oferta? Dessa forma, nota-se que o ideal de virilidade só pode ser alcançado mediante a autenticação da potência fálica. O que desmorona com o fantasma da impotência não é a organização da sexualidade, mas como dito, da identidade; ser reconhecido como um homem adequado às prescrições de gênero requer a certeza da força fálica (PEREIRA, 2017).

Voltando à Márquez (2008), é possível reconhecer o peso das demandas que recaem sobre o personagem de *Memória de Minhas Putas Tristes* para que ele se prove em função de sua potência fálica – demandas que partem do meio social que o cerca e que são prontamente internalizadas. Na trama, o não cumprimento da penetração, mediante o adormecimento da menina, produz questionamentos e dúvidas de sua virilidade. Rosa Cabarcas insiste que novo encontro ocorra para que seja “corrigido” esse disparate:

A única coisa grave, disse Rosa, é que ela acha de verdade que **você já não serve mais**, e eu não gostaria que a menina andasse por aí espalhando isso aos quatro ventos[...] Deixa como está, respondi, não aconteceu nada, e além do **mais me serviu de prova de que não estou dando mais para essas coisas**. Nesse sentido a menina tem razão: **não sirvo mais** (MÁRQUEZ, 2008, p. 51-52, grifos nossos.)⁶⁵.

É possível reconhecer então a grande perda que a impotência, como fato ou como possibilidade, vem a causar para o sujeito: o personagem agora não serve mais como homem. O próprio vocábulo utilizado para referir-se a essa condição mostra seu impacto simbólico, de modo que o pênis, ao não se comportar rigidamente frente aos estímulos sexuais, é sintoma de não potência. Que é um homem sem sua garantia de potência diante do mundo?

O corpo que se exige aqui não é o natural – natural como um corpo que estaria pronto *a priori*, anterior à sua inscrição na cultura, sem necessidade de ser regulamentado e domesticado. É o discurso concernente à performatividade de gênero que apresenta o ideal a que os corpos devem regular-se; não há construção e apropriação do corpo anterior ao discurso. O corpo deve ser moldado, e feito isso, deve ser constantemente avaliado; nas leituras feitas dele é que é posta à prova sua capacidade de adequação à norma. Caso falhe, seu lugar é destinado junto daqueles que também não foram capazes de se inserir socialmente como previsto.

No romance *Trópico de Capricórnio* (1975), havia uma preocupação com um determinado tipo de “falha” sexual, relacionada à uma doença considerada grave no período entre-guerras: a sífilis. Nesse sentido, o narrador demonstra essa preocupação, já que a doença estaria ligada à ideia de ausência de prazer, de aniquilação do corpo, de morte, como ele mesmo reflete ao longo da

⁶⁵ Cf. o original: Lo único grave, dijo Rosa, **es que ella cree de verdad que ya no sirves**, y no me gustaría que lo fuera pregonando a los cuatro vientos. [...] Déjalo de esetamaño, le dije, aquí no pasó nada, y **en cambio me ha valido como una prueba de que ya no estoy para estos trotes**. E nese sentido laniña tiene razón: **ya no sirvo** (MÁRQUEZ, 2004, s/n, grifos nossos).

narrativa. O narrador comenta então sobre a sífilis, em conversa com o próprio pênis:

Olhei meu membro, que parecia tão inocente como sempre. “Não me diga que você está com sífilis”, disse eu, segurando-o na mão e apertando-o devagar, como se pudesse ver um pouco de pus escorrendo. Não, acho que não há muita possibilidade de eu ter sífilis [...] gonorreia sim, era possível. Todo mundo tem gonorreia um dia ou outro. Mas sífilis, não! [...] (MILLER, 1975, p. 85,86)⁶⁶.

A possibilidade de não performatividade sexual desse corpo traz uma certa preocupação egoística no personagem, que teme não poder mais participar da fruição da vida e de seus prazeres. Assim, em Márquez, pela velhice, e em Miller, pela doença, nos deparamos com personagens que se questionam como homens a partir de sua relação com o pênis, reconhecendo-o como falho. Essa constatação os obriga a forjar e avaliar suas identidades viris também como passíveis de falha.

Nesse sentido, Badinter (1993) discute a formação da identidade masculina vinculada à adequação a uma concepção de virilidade, concepção essa que, como todos os elementos da cultura, é efeito de uma construção. A autora em alguns momentos enfatiza a necessidade de passar por uma prova de virilidade para que se possa merecer o título de homem. Afinal, como declarado por Bourdieu e retomado por ela, “Para louvar um homem, basta dizer que ele ‘é um homem (Badinter, 1993, p. 4-5)”. Em seus estudos antropológicos, a pesquisadora encontrou tribos que se organizam de forma concreta em torno da necessidade de provas de virilidade. São esses rituais trabalhosos, dolorosos e algumas vezes de longa duração – há tribos em que o jovem do sexo masculino deve passar quinze anos afastado de sua família, participando de cerimônias, para conseguir provar-se como homem. Ser um homem viril, legitimamente

⁶⁶ Cf. o original: I looked at my cock and it looked just as innocent as ever. “Don’t tell me you’ve got the syph,” I said holding it in my hand and squeezing it a bit as though I might see a bit of pus squirting out. No, I didn’t think there was much chance of having the syph [...] The Clap, yes, that was possible. Everybody had the clap someti-me or other. Bu tnot syth! (MILLER, 1961, p. 92)

reconhecido, demarca uma posição de poder, prestígio e respeito; dessa forma, os sujeitos desejosos de ocupar esse lugar devem mostrar que possuem o vigor físico e moral que os torna merecedores de ocupá-lo.

Nas sociedades ocidentais modernas, a ideia de prova da virilidade não é tão literal: não se exigem rituais do menino, ou ele não será fisicamente excluído do contato com seus próximos caso não seja capaz de cumprir os requisitos estabelecidos. No entanto, é claramente exigido uma certa performatividade do sujeito, e que longe de se restringir a um intervalo de tempo ou etapa da vida, acompanha-o por toda a vida, reforçando que a alcunha de homem deve ser continuamente honrada, sob o risco de perda da altivez simbólica que tal posto prevê. Assim, como esclarece Badinter:

Nosso linguajar cotidiano trai nossas dúvidas, quem sabe até nossa preocupação, ao se referir à masculinidade como a um objetivo e um dever. Ser homem se diz mais no imperativo do que no indicativo. A ordem “seja homem”, tão frequentemente ouvida, implica que isso não é tão evidente e que a virilidade não é, talvez, tão natural quanto se pretende [...]. *Dever, provas, provações*, estas palavras dizem que há uma tarefa real a cumprir para tornar-se homem. A virilidade não é dada de saída. Deve ser construída, digamos “fabricada”. O homem é, portanto, uma espécie de *artefato* e, como tal, corre sempre o risco de apresentar defeito (BADINTER, 1993, p. 3,4, grifos da autora.).

Bourdieu (2010) confirma o exposto, demonstrando que o privilégio masculino se configura como uma grande cilada, pois traz a contrapartida de uma permanente tensão que beira o absurdo e que é motivada pela necessidade de afirmação da virilidade a todos os momentos. A virilidade que é, então, sobretudo uma carga. Na ocasião em que falhe ao se provar como homem, ele se aproxima do feminino, que, como pontuado, não tem espaço na esfera pública e não pode atestar por sua honra. Portanto, é acompanhado de grande dose de medo e angústia que se dá a exaltação dos valores masculinos.

Esses dados são realçados para se refletir a questão do feminino na constituição da virilidade, em que, como exposto, o homem se constrói em sua posição simbólica em detrimento de um lugar marginalizado conferido à

mulher. Nessa dinâmica, e retomando Bourdieu (2010), o feminino constitui uma ameaça, visto que a virilidade parte de uma condição relacional e que se desenvolve, antes de tudo, interiormente. O contato próximo com o feminino pode então contaminar a realização desse ideal, ao que se responde impondo uma distância, um corte.

Como mencionado, a socialização exige de homens e mulheres o desempenho de papéis sexuais distintos. Ao homem, é bem visto que tais atividades sejam não somente realizadas, mas relatadas, tornadas públicas por vezes, especialmente dirigidas a outros homens, prova incontestável de uma potência viril.

Corbin (2013) analisa alguns textos, publicados ou trocados por meio de correspondências com outros homens, que se dedicam a manifestar as atividades sexuais performadas. Na maioria das vezes, traziam com riqueza de detalhes informações sobre as mulheres e as práticas efetuadas. O autor reconhece nesses relatos a necessidade de comunicar aos pares a posse de mulheres – manter relações com uma mulher era visto como um equivalente a possuí-la –, seu empenho e vigor, suas aventuras. O sentimentalismo é desprezado, visto que o foco recai nas conjunções carnavais. Afirma o autor que “a necessidade de foder é considerada, na intimidade masculina, um elemento constitutivo essencial da virilidade, ela justifica comportamentos audazes e lascivos. (Corbin, 2013, p. 154)”.

Em Miller (1975) há reflexos da exaltação da sexualidade quando o narrador menciona que a necessidade de “foder” era algo presente nas mentes dos parceiros da empresa na qual trabalhava:

Formávamos uma turma alegre, unida em nosso desejo de foder a companhia (**referência à companhia de telégrafo na qual o narrador trabalhava nos EUA**) a todo custo. E, ao mesmo tempo

que fodíamos a companhia, fodíamos tudo quanto nos caía nas mãos [...] (MILLER, 1975, p. 30, grifos nossos)⁶⁷.

E, logo adiante, outro excerto mostra como as mulheres são negociadas, entre os amigos, como objeto de troca, como posse, sem sentimentalismo, como pontuado por Corbin:

“Escute, dizia ele, voltando para mim, “eu algum dia me mostrei invejoso em relação a você? Não lhe cedo sempre uma garota quando você pede? E aquela ruiva no escritório...lembra-se...aquela com tetas grandes? Não era um cu bom demais para ceder a um amigo?” (MILLER, 1975, p.164)⁶⁸.

Já em Márquez, o narrador reconhece que é justamente o registro de suas aventuras que o motiva a relatar suas memórias, o que reflete o título selecionado para tal empreendimento – *Memória de minhas putas tristes*. É a partir da exposição de suas experiências sexuais que ele se propõe a reconstituir sua história, como indica o trecho:

Nunca me deitei com mulher alguma sem pagar, e as poucas que não eram do ofício convenci pela razão ou pela força que recebessem o dinheiro nem que fosse para jogar no lixo. Lá pelos meus vinte anos comecei a fazer um registro com o nome, a idade, o lugar e um breve recordatório das circunstâncias e do estilo. Até os cinquenta anos eram quinhentas e catorze mulheres com as quais eu havia estado pelo menos uma vez. Interrompi a lista quando o corpo já não dava mais para tantas e podia continuar as contas sem precisar de papel (MÁRQUEZ, 2008, p. 16. Grifos nossos.)⁶⁹.

⁶⁷Cf. o original: We were a merry crew, united in our desire to fuck the company at all costs. And while fucking the company we fucked everything in sight that we could get hold of (MILLER, 1961, p.30).

⁶⁸ Cf. o original: “Listen,” he would say, turning to me, “did I ever act jealous toward you? Didn’t I Always turn a girl over to you if you asked me? What about that red-haired girl in US office...you remember...the one with the big teats? Bu I did it, didn’t I? Wasn’t that a nice piece of ass to turn over to a friend? (MILLER, 1961, p.179, 180).

⁶⁹ Cf. o original: **Nunca me he acostado com ninguna mujer sin pagarle, y a las pocas que no eran del oficio las convenci por la razón o por la fuerza de que recibieran la plata aunque fuera para botarla en la basura.** Por mis veinte años empecé a llevar un registro con el nombre, la edad, el lugar, y un breve recordatorio de las circunstancias y el estilo. Hasta los cincuenta años eran quinientas catorce mujeres con las cuales había estado por lo menos una vez. Interrumpí la lista cuando ya el cuerpo no me dio para tantas y podía seguir las cuentas sin papel (MÁRQUEZ, 2004, s/n, grifos nossos).

A primeira parte do trecho, em negrito, dialoga de forma clara com a argumentação de Corbin (2013) acerca da expressão da atividade sexual masculina vinculada à ideia de posse. Ao exigir de modo irrevogável que todas as mulheres com quem se relaciona aceitem pagamento, fossem ou não prostitutas, ele reafirma a relação como troca mercantil, em que não se busca troca, mas simples uso e posse do corpo.

Além disso, pode-se concluir que a diminuição das práticas sexuais do personagem de Márquez, motivada pelo envelhecimento do corpo, é algo que o atinge como um golpe e leva a questionamentos sobre seu valor, sua identidade, sua serventia no mundo. A decisão de abandonar o registro escrito, já que não haveria o risco de perder as contas, revela simbolicamente a morte da construção de um dado sujeito: o que estava presente naquelas narrativas se encerra, não são feitos acréscimos ao texto, o que há é a necessidade de conformação de que não se pode mais ser o homem que um dia foi.

Em ambos os excertos supracitados, nota-se que o comportamento esperado dos homens no exercício de sua sexualidade requer a imposição de distância em relação à parceira e despojamento de afetividade. Na verdade, cabe questionar se o termo “parceira” é, sequer, adequado nesse contexto, visto que não se trata de uma relação de parceria ou troca. O ato sexual pressupõe que o homem faça uso do corpo feminino como evento de exibição de sua força – sua potência. Estão então postos os papéis destinados a cada um dos sujeitos, ratificando o que vem sendo dito até então de que, nessa conjuntura social e simbólica, a comprovação da virilidade é condição indispensável para o exercício da sexualidade, bem como ancoradouro da identidade.

Por fim, há a questão da metáfora do falo como arma, presente em dois momentos no texto de Márquez (2008). No primeiro extrato, o personagem relembra as circunstâncias de sua paixão por Ximena Ortiz, a quem pede a mão em casamento, apesar de posteriormente não levar a cabo tal promessa. Esse

pedido formal de casamento é comparado a um “entregar de armas”; já no segundo trecho, em outro diálogo com Rosa Cabarcas, ela o compara aos seus contemporâneos e o considera mais macho, posto que, ao contrário de seus “inimigos”, mantém-se em posse de suas armas:

Sabia que nunca chegaria a ser amor, mas a atração satânica que exercia sobre mim era tão ardorosa que tentava me aliviar com tudo que era dama da vida de olhos verdes que encontrava no meu caminho. Nunca consegui sufocar o fogo de sua lembrança na cama de Pradomar, e assim entreguei-lhe minhas armas, com pedido formal de mão, troca de anéis e anúncio de bodas de Pentecostes (MÁRQUEZ, 2008, p. 41)⁷⁰.

Afinal, o problema na sua idade é servir ou não servir, mas você já me disse que esse assunto está resolvido. Atropelei: O sexo é o consolo que a gente tem quando o amor não alcança. Ela soltou o riso: Ai, meu sábio, sempre soube que você é muito macho, que sempre foi, e me alegra que continue sendo enquanto seus inimigos entregam as armas (MÁRQUEZ, 2008, p. 79)⁷¹.

A ideia das armas deflagra também um simbolismo fálico, uma vez que o falo é também uma arma, na medida em que é símbolo de força e poder. Badinter (1993) chega a apontar o falo, ou o pênis, como metonímia do homem, símbolo que reúne em si as representações do que se espera do masculino. As armas que o inimigo entrega, mas ele não, podem ser então o interesse sexual, a permanência do desejo, a busca por exercer sua sexualidade independentemente da idade. Essas características têm o trunfo de fazer dele “mais macho que os outros”. Corbin (2013) também discute as metáforas

⁷⁰Cf. o original: Sabía que nunca llegaría a ser amor, pero la atracción satánica que ejercía sobre mí era tan ardorosa que intentaba aliviarme con cuanta guaricha de ojos verdes me encontraba al paso. Nunca logre sofocar el fuego de su recuerdo en la cama de Pradomar, así que le entregué mis armas, con petición formal de mano, intercambio de anillos y anuncio de boda grande antes de Pentecostés (MÁRQUEZ, 2004, s/n).

⁷¹Al fin y al cabo, el problema a tu edad es servir o no servir, pero ya me dijiste que lo tienes resuelto. Le salí al paso: El sexo es el consuelo que uno tiene cuando no le alcanza el amor. Ella solto la risa: Ay, mi sabio, siempre supe que eres muy hombre, que siempre lo fuiste, y me alegra que lo sigas siendo mientras tus enemigos entregan las armas (MÁRQUEZ, 2004, s/n).

bélicas presentes no discurso erótico, em que ele percebe que seu uso intenciona sinalizar um vigor militar e uma exaltação nacionalista.

Guillet (2013) demarca que o uso de armas é parte das sociabilidades masculinas: o duelo é marcadamente um assunto de homens, permitindo entrever novamente uma economia simbólica que se percebe na delimitação dos espaços, visto que esse é também um espaço de uso público a que não pertencem as mulheres. O resultado do combate não é de grande importância; basta que a virilidade seja posta à prova, de modo que a morte em batalha assegure a dignidade do combatente. Há uma virilidade partilhada que se constrói no exercício do duelo. De modo análogo, é possível reconhecer no falo, quando adequado à exibição, uma arma de comprovação de virilidade, símbolo da supremacia masculina no que diz respeito à ocupação dos lugares sociais.

Logo, diante do exposto nas narrativas, em elementos como o falo e seus simbolismos, a impotência ou falha na conformidade ao modelo e a sociabilidade das atividades sexuais, temos alguns recortes que permitem entrever a construção da identidade masculina hetero no contexto moderno/contemporâneo. Nesse cenário, o homem passa a se inscrever em um contexto ameaçador dessa construção histórico-social do ser viril. Ao mesmo tempo que se reforça sua virilidade, ela começa a dar indícios de falibilidade e esse fato passa a desestabilizar, pouco a pouco, a masculinidade tida como uma, perfeita e estável. As demandas exigidas vão aos poucos sendo questionadas, trazendo impactos sobre as subjetividades masculinas que vão sendo moldadas.

Assim, reconhecemos que a virilidade ainda é o modelo inescapável para o homem contemporâneo, já que ele, sozinho, não consegue se ver totalmente livre do peso histórico e social que mantém o modelo heteronormativo. No entanto, sabemos que essa força impositiva sobre a masculinidade hetero já não condiz mais com as novas formas de masculinidades e femininidades que vivenciamos no contexto atual. Essas novas expressões identitárias tem contribuído para mudanças significativas no âmbito da sexualidade trazendo

novos desafios e promovendo discussões para que todos, juntos, possamos combater o patriarcalismo que por tanto tempo tem oprimido e direcionado as vidas de homens e mulheres ao longo da história ocidental.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Gênero, Masculinidade e Poder: revendo um caso do sul de Portugal*. In: *Anuário Antropológico (Brasil)* 95: 161-190, Rio de Janeiro, 1996.

BADINTER, Elizabeth. *XY: Sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. 2. A experiência Vivida. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENFATTI, Flávia Andrea Rodrigues. São Paulo, 2013. 193f. *Tese* (doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CORBIN, Alan. A necessária manifestação da energia sexual. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs). *História da Virilidade*. 2. O triunfo da virilidade. Vozes: Petrópolis, 2013, p. 153-192.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 13-244.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999, v. 1.

GUILLET, François. (2013) O duelo e a defesa da honra viril. In: In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs). *História da Virilidade*. 2. O triunfo da virilidade. Vozes: Petrópolis, 2013, p 97-152.

KRITZMAN, Lawrence D. A virilidade e seus outros. . In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs). *História da Virilidade*. 1. A invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Vozes: Petrópolis, 2013, p. 217-241.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 10 ed, p.77; 124-143; 150-168; 176-178; 250-252; 287-293; 364-371; 403-420, 1988.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do Pensamento de Freud*. 8ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Memoria de mis putas tristes*. Bogotá: Mondadori, 2004.

_____, Gabriel García. *Memória de minhas putas tristes*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2008.

MILLER, Henry. *Tropic of Capricorn*. New York: Grove Press, 1961.

_____. *Trópico de Capricórnio*. Tradução de Aydano Arruda. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

MILLET, Kate. *Sexual Politics*. Urbana: University of Illinois Press, 2000.

MUCHEMBLED, Robert. *O Orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias*. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PEREIRA, Ana Alice da Silva. Uberlândia, 2017. 127f. *Dissertação* (mestrado em Psicologia Aplicada) – Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

PERSON, Ethel Spector. *Masculinities, Plural*, 2006. Disponível em: <http://apa.sagepub.com>. Acessado em 18 junho 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento – Política e filosofia*. São Paulo: Editora 34, 1996.

SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs). *História da Virilidade*. 1. A invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Vozes: Petrópolis, 2013, p. 17-70.

THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades romanas: vir, virilitas, virtus. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs). *História da Virilidade*. 1. A invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Vozes: Petrópolis, 2013, p. 71-124.

VIGARELLO, Georges. A virilidade moderna: convicções e questionamentos. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs). *História da Virilidade*. 1. A invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Vozes: Petrópolis, 2013, p.205-241.

Recebido em 07/06/2018. Aceito em 06/10/2018.